

0711/79

«RECORTE»

Apartado 2571
1114 Lisboa Codex
Telef. 54 43 01

14

EXPRESSO

Lisboa

25 ABO. 1979

NOTÍCIAS da AMADORA
Amadora

BARCA NOVA
Figueira da Foz

POVEIRO (O)
Vóvoa do Varzim

COMARCA de ARGANIL
Arganil

NACIONAL

Para quê ²⁰¹ Universidades sem professores?

REPORTO-ME ao EXPRESSO de
28/7/79 — Juventude — Carreira
Docente Universitária.

O meu inteiro aplauso à
meritória atitude do Conselho
Científico da Universidade do
Minho em reforço da anterior do
Conselho de Reitores.

E bem assim ao EXPRESSO
pelo destaque e atenção dispen-
sada à magna questão da criação
da estrutura docente do ensino
universitário.

O caso assume aspectos de
calamidade.

Para quê erguer Escolas Su-
periores e Universidades sem
professores?

É verdade de todos sabida, que o
desprezo a que são votados aqueles
que pelo seu saber e competência
se destinam à carreira docente
universitária os força a mudar de
rumo para o sector privado ou para
o estrangeiro.

O País é, assim, desfalcado dos
valores que lhe poderiam dar o
nível intelectual e científico de que
carece para ter acesso à Europa em
que pretende integrar-se.

Não temos recursos para con-
tratar professores universitários
estrangeiros.

Qualquer um de categoria
normal, para leccionar um curso
duma quinzena de lições, pede
centenas de contos!

Dai que tenhamos de nos voltar
para os nacionais.

E não se julgue que os não temos
de qualidade igual, e às vezes até
superior, a certos que por cá
aparecem muito empolados e
convencidos da sua ciência

Política - Professores

Vem a propósito recordar as
consequências decorrentes do
abandono e injuriosa desconfiança
a que são votados os doutorados no
estrangeiro com destino à es-
pecialização neste ou naquele ramo
científico.

Concedem-se-lhe bolsas de
estudo, para cursar Universidades
estrangeiras.

Normalmente, cumprem e não
desmerecem do confronto com os
estrangeiros, a quem muitas vezes
superam. Regressam com dou-
toramentos classificados com
mérito especial.

Chegados ao País, o que os
espera?

Na melhor das hipóteses, um
lugarzinho de assistente com
vencimento de empregado menor,
que às vezes anda por metade de
qualquer "proletário" da bur-
guesia do cinturão de Lisboa.

Pior ainda, apesar de virem das
melhores universidades estran-
geiras, com diploma de cursos
longos e difíceis, não alcançam "de
jure" reconhecimento de equi-
valência em Portugal.

Em França, por exemplo, as
provas de doutoramento são
prestadas perante um júri de cinco
professores escolhidos por sorteio
entre os de melhor categoria das
várias universidades.

Pois um doutorado, mesmo com
mérito especial, não encontra logo
equivalência em Portugal!

Se o nosso rumo é a Europa,
como vai admitir-se que seja ne-
gado ao português doutorado em
qualquer das Universidades da
C.E.E. essa equivalência?

Resultado: desanimado e de-
siludido pelo aviltar do trabalho de
longos anos de estudo, sem incen-
tivos para o ingresso na carreira a
que aspira, o professor, que nunca
chegou a ser, vai procurar colo-
cação no sector privado ou no
estrangeiro.

São raros os de vocação para
"mártires" que se disponham a
ficar o melhor tempo da vida à
espera que lhe dêem entrada na
carreira.

Luís Carlos Vilela Lobo
Famalicão